

# Livro de Poemas

# Quinhentismo

## Pe. José de Anchieta Jesus na manjedoura

- Que fazeis, menino Deus,  
Nestas palhas encostado?

- Jazo aqui por teu pecado.

- Ó menino mui formoso,

Pois que sois suma riqueza,

Como estais em tal pobreza?

- Por fazer-te glorioso

E de graça mui colmado,

Jazo aqui por teu pecado.

- Pois que n

ão cabeis no céu,

Dizei-me, santo Menino,

Que vos fez tão pequenino?

- O amor me deu este véu,

Em que jazo embrulhado,

Por despir-te do pecado.

- Ó menino de Belém,

Pois sois Deus de eternidade,

Quem vos fez de tal idade?

- Por querer-te todo o bem

E te dar eterno estado,

Tal me fez o teu pecado.

# **BARROCO**

## **Gregório de Matos**

### **Senhora Dona Bahia**

Ninguém vê, ninguém fala, nem impugna, e é que,  
quem o dinheiro nos arranca, nos arranca as mãos, a  
língua, os olhos."

"Esta mãe universal, esta célebre Bahia, que a seus  
peitos toma, e cria, os que enjeita Portugal"

"Cansado de vos pregar cultíssimas profecias, quero  
das culteranias hoje o hábito enforcar:

de que serve arrebentar por quem de mim não tem  
mágoa?

verdades direi como água porque todos entendais,  
os ladinos e os boçais,

a Musa praguejadora.

Entendeis-me agora?"

## ARCADISMO

# Se é Doce Du bocage

Se é doce no recente, ameno Estio  
Ver tocar-se a manhã de etéreas flores,  
E, lambendo as areias e os verdores,  
Mole e queixoso deslizar-se o rio;  
Se é doce no inocente desafio  
Ouvirem-se os voláteis amadores,  
Seus versos modulando e seus ardores  
Dentre os aromas de pomar sombrio;  
Se é doce mares, céus ver anilados  
Pela quadra gentil, de Amor querida,  
Que esperta os corações, floreia os prados,  
Mais doce é ver-te de meus ais vencida,  
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados.  
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

# Romantismo

**Álvares de Azevedo**

**Se eu morresse amanhã**

**Se eu morresse amanhã, viria ao menos**

**Fechar meus olhos minha triste irmã,**

**Minha mãe de saudades morreria**

**Se eu morresse amanhã!**

**Quanta glória pressinto em meu futuro!**

**Que aurora de porvir e que manhã!**

**Eu perdera chorando essas coroas**

**Se eu morresse amanhã!**

**Que sol! que céu azul! que doce n'alva**

**Acorda ti natureza mais louçã! Não me batera tanto amor  
no peito**

**Se eu morresse amanhã!**

**Mas essa dor da vida que devora**

**A ânsia de glória , o dolorido afã...**

**A dor no peito emudecera ao menos**

**Se eu morresse amanhã!**

# Realismo

**Machado de Assis**

**Carolina**

Querida, ao pé do leito derradeiro  
Em que descansas dessa longa vida,  
Aqui venho e virei, pobre querida,  
Trazer-te o coração do companheiro.  
Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro  
Que, a despeito de toda a humana lida,  
Fez a nossa existência apetecida  
E num recanto pôs o mundo inteiro.  
Trago-te flores - restos arrancados  
Da terra que nos viu passar unidos  
E ora mortos nos deixa e separados.  
Que eu, se tenho nos olhos malferidos  
Pensamentos de vida formulados,  
São pensamentos idos e vividos.

# Naturalismo

Raul Pompeia

O Ateneu

(...) O tédio é a grande enfermidade da escola, o tédio corruptor que tanto se pode gerar da monotonia do trabalho como da ociosidade. Tínhamos em torno da vida o ajardinamento em floresta do parque e a toalha esmeraldina do campo e o diorama acidentado das montanhas da Tijuca, ostentosas em curvatura torácica e frentes felpudas de colosso: espetáculos de exceção, por momentos, que não modificavam a secura branca dos dias, enquadrados em pacote nos limites do pátio central, quente, insuportável de luz, ao fundo daquelas altíssimas paredes do Ateneu, claras da caiação do tédio, claras, cada vez mais claras. Quando se aproxima o tempo das férias, o aborrecimento é maior".

# Parnasianismo

## Olavo Bilac

### Ouvir Estrelas

"Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo  
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvi-las, muita vez desperto  
E abro as janelas, pálido de espanto...  
E conversamos toda a noite, enquanto  
A via-láctea, como um pálido aberto,  
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céu deserto.  
Dizeis agora: "Tresloucado amigo!  
Que conversas com elas? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo?"  
E eu vos direi: "Amai para entendê-las!  
Pois só quem ama pode ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas."

# **Simbolismo**

**Alphonsus de Guimaraens**

**Ismália**

**Quando Ismália enlouqueceu,**

**Pôs-se na torre a sonhar...**

**Viu uma lua no céu, Viu outra lua no mar.**

**No sonho em que se perdeu,**

**Banhou-se toda em luar...**

**Queria subir ao céu,**

**Queria descer ao mar...**

**E, no desvario seu,**

**Na torre pôs-se a cantar...**

**Estava longe do céu...**

**Estava longe do mar...**

**E como um anjo pendeu**

**As asas para voar. . .**

**Queria a lua do céu,**

**Queria a lua do mar...**

**As asas que Deus lhe deu**

**Ruflaram de par em par...**

**Sua alma, subiu ao céu,**

**Seu corpo desceu ao mar...**

# Pré-Modernismo

**Euclides da Cunha**

## **Amor Algébrico**

Acabo de estudar – da ciência fria e vã,  
O gelo, o gelo atroz me gela ainda a mente,  
Acabo de arrancar a fronte minha ardente  
Das páginas cruéis de um livro de Bertrand.  
Bem triste e bem cruel decerto foi o ente  
Que este Saara atroz – sem aura,  
sem manhã,  
A Álgebra criou – a mente, a alma mais sã  
Nela vacila e cai, sem um sonho virente.  
Acabo de estudar e pálido, cansado,  
Dumas dez equações os véus hei arrancado,  
Estou cheio de spleen, cheio de tédio e giz.  
É tempo, é tempo pois de, trêmulo e amoroso,  
Ir dela descansar no seio venturoso  
E achar do seu olhar o luminoso X.

# Modernismo

**Mário de Andrade**

**Moça linda Bem Tratada**

Moça linda bem tratada,  
Três séculos de família,  
Burra como uma porta:  
Um amor.

Grã-fino do despudor,  
Esporte, ignorância e sexo,  
Burro como uma porta:  
Um coió.

Mulher gordaça, filó,  
De ouro por todos os poros  
Burra como uma porta:  
Paciência...

Plutocrata sem consciência,  
Nada porta, terremoto  
Que a porta de pobre arromba:  
Uma bomba.

# Pós-Modernismo

**Ferreira Gullar**

## **Traduzir-se**

Uma parte de mim é todo mundo;  
outra parte é ninguém:  
fundo sem fundo.

Uma parte de mim é multidão:  
outra parte estranheza e solidão.

Uma parte de mim pesa, pondera;  
outra parte delira.

Uma parte de mim almoça e janta;  
outra parte se espanta.

Uma parte de mim é permanente;  
outra parte se sabe de repente.

Uma parte de mim é só vertigem;  
outra parte, linguagem.

Traduzir-se uma parte na outra parte  
— que é uma questão de vida ou morte  
— será arte?